

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

SANDRA ELENA TORRES FONSECA

TERRITÓRIO DA MEMÓRIA NA PRODUÇÃO COLETIVA

NITERÓI

2022

SANDRA ELENA TORRES FONSECA

TERRITÓRIO DA MEMÓRIA NA PRODUÇÃO COLETIVA

Trabalho de Conclusão do Curso de produção cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em produção cultural.

Orientador(a):

Prof(a) Dr^a. Neide Aparecida Marinho

Niterói, RJ

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F676t Fonseca, Sandra Elena Torres
Território da Memória na Produção Coletiva / Sandra
Elena Torres Fonseca ; Neide Aparecida Marinho, orientador.
Niterói, 2022.
44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Território. 2. Memórias. 3. Teatro. 4. Performnce
(Arte). 5. Produção intelectual. I. Marinho, Neide
Aparecida, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao vigésimo sétimo dia do mês de julho de 2022, às dezesseis horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N°. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**Território da Memória na Produção Coletiva**”, apresentado por **Sandra Elena Torres Fonseca**, matrícula 414033105, sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Neide Aparecida Marinho.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr^a. Neide Aparecida Marinho

2º Membro: Me. Luiz Carlos Mendonça

3º Membro: Dr. João Batista Rezende

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado X

Reprovado

Com nota final após arguição: 10

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Neide Aparecida Marinho
neidemarinho@id.uff.br:51814412620

Assinado de forma digital por Neide Aparecida
Marinho neidemarinho@id.uff.br:51814412620
Dados: 2022.07.27 18:49:34 -03'00'

Presidente da Banca

Dedicatória:

Para Antonio Fonseca e Mundinha Torres

...

Meus pais.

O meu coração e a minha razão sabem de cada orientação de amor que me deram e o quanto a minha força vem desse amor. Esse amor supera a vida e me faz não querer desistir!

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, quisera eu fazer uma lista de convidados! Queria brindar o final dessa segunda graduação com meus amores que agora são estrelinhas lá no céu! Uma lista significaria a chance de comemorar ao lado de quem nos ama a realização de um sucesso; uma concretização de sonhos!

Eu amaria convidar Mamãe & Papai, meus primeiros nomes na lista com a certeza de que iriam! Ele de novo estaria tímido e ela linda e radiante! Com seus corações batendo bem forte, cheios de orgulho e lágrimas nos olhos! A melhor torcida e plateia que eu poderia querer! Junto a eles, minha irmã, minha sobrinha e seu filhinho, meu novo amor, felizes e comemorando comigo!

Continuo não querendo agradecer em memória a ninguém, já que permaneço acreditando que é o amor que nos torna vivos! Ganhar o doce abraço de cada um deles, amores para a minha vida inteira, seria o melhor dos prêmios, das notas, a foto ideal... Seria uma quimera! Quero agradecer com todo o meu coração, aos meus pais pela base maior do que sou, por cada traço de cada um deles em mim, pela admiração e crença no alcance dos degraus no caminho dos sonhos, pela proteção, pelo exemplo de vida e superação, amor, carinho, proteção e força com que me presentearam todos os dias! Agradeço a minha irmã por acreditar tanto em mim, a minha sobrinha Cindy por ter me dado tantos motivos para sorrir, me ouvir falar de estudos e superações, por me apoiar na escolha desse curso e acreditar no sonho dele! Ter tido o amor de vocês e o olhar de esperança e credibilidade em mim, tem sido minha fórmula secreta para me sentir especial e cheia de forças até quando coisas podem parecer difíceis.

Outra vez e com a mesma intensidade, agradeço com respeito e de coração a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por ouvir as minhas preces e me guiar com perseverança, fortaleza e sabedoria neste caminho! Quero agradecer a Maria Mãe Santíssima pela presença em minha vida, proteção e respostas de luz neste trabalho. Por me manterem fortes em momentos que sozinha eu não conseguiria enxergar os melhores caminhos nessa trajetória acadêmica, com a consciência da ausência na terra dos meus amores!

Agradeço aos docentes, discentes e funcionários da UFF que contribuíram de alguma forma nesse processo acadêmico;

De forma um pouco mais detalhada, quero agradecer:

Ao grupo de teatro “A Cena é Nossa” e a coordenação do Espaço Avançado, por me acolher e tornar tão agradável toda a trajetória até aqui! Para vocês, um beijo com muito carinho, gratidão e admiração!

A Neide Marinho, minha orientadora, por acreditar em mim e neste trabalho! Pelos detalhes e escuta durante esse processo de produção, por suas dicas e doçura em tantos momentos;

Ao Luiz Mendonça, por ser tão maravilhoso em tantos momentos, pelo prazer de ter sido sua aluna, por ser tão amigo e por aceitar participar da banca;

Ao João Rezende, professor tão doce e generoso, por aceitar participar da banca e por ser quem se pode contar sempre;

Aos coordenadores do curso, que desde o começo, analisaram meu currículo com atenção nos momentos de isenções, equivalências e aproveitamento das disciplinas, por direcionarem tão bem minha grade junto comigo! Quero, portanto, agradecer ao João Domingues pelo o aceite no curso e orientações, a Marina Frydberg pelos atendimentos tão atenciosos e orientações, e, ao Luiz Augusto pelo atendimento e análise sobre disciplina;

A Andrea Copeliovitch, pelas dicas valiosas de autores e por ser tão presente toda vez que foi necessário, independente de dias e horários, por ser uma professora maravilhosa;

Ao Luiz Vergara, pela incrível arte de acreditar em talentos e pelas respostas importantes para colaborar neste trabalho;

A professora Tetê por ser tão sensacional, pelos abraços presenciais e atenção incrível no período remoto;

Ao Wallace, professor tão amigo, em tantos momentos;

Ao Eri, grande amigo, por ser tão parceiro em tantas disciplinas, por me ouvir e pelo nosso sucesso em todas as disciplinas;

A Laura Pessoa, pelo carinho e sensibilidade, nas nossas parcerias nas disciplinas;

Ao Luiz Guilherme, por momentos iniciais no curso e dicas de textos;

A todos que estudaram comigo ou me deram aula em diferentes turmas e que colaboraram de alguma forma.

Com muito carinho e muito emocionada, quero agradecer:

A Priscila, minha família e amor, por torcer por mim, por me ouvir ler e reler tantos trechos deste trabalho, por aceitar dividir comigo essa jornada e compreender

os fins de semana e feriados de estudos, por tentar entender detalhes, por ouvir desabaços nas dificuldades e por me repetir a todo momento sobre o orgulho que teriam de mim – os meus amores que são minhas estrelinhas lá no céu –, por brincar e me tirar sorrisos no meio dessa correria;

Ao meu sobrinho Raphael, por seu olhar doce, pela sua grande torcida, pelo cuidado em me socorrer com técnicas nos aparelhos que uso e não domino, por me amar e ter orgulho nessa correria que é a vida acadêmica;

Aos amigos/as/es e familiares pela compreensão, ajuda, admiração, confiança e presença.

Com toda a certeza, eu não poderia imaginar e nem deixar de escrever isso, eu quero agradecer aos que em nada fizeram para me apoiar (mesmo quando visivelmente podiam)! Vocês de alguma forma me mostraram ainda mais o quanto sou forte! Quero agradecer por não ajudarem com coisas que eram necessárias, me fazendo observar e otimizar o que eu tenho e o meu tempo para compensar isso!

E, de uma forma lúdica, quero agradecer ao meu celular, minha maior fonte de possibilidade material de estudo em todo esse processo!

Finalizando, quero agradecer a mim mesma, por em tantos momentos não ter desistido! Por ter encarado as dificuldades e por ter vencido!

Obrigada a todos vocês!

“Se eu fosse contar para vocês tudo que aconteceu na minha história até eu chegar nesse momento, talvez vocês nem acreditassem... Que, às vezes, nem eu acredito, e de verdade hoje eu só quero agradecer! A gente que é artista sempre tem que agradecer a todo mundo (...). Mas, hoje eu queria muito agradecer a mim! Porque eu não desisti, então, eu queria muito agradecer a mim hoje! (...) Hoje passou um filme na minha cabeça e eu queria muito!”

(Anitta, Abertura Rock In Rio, 2019)

RESUMO

A motivação para elaboração deste trabalho surgiu a partir das minhas vivências e memórias junto ao grupo de teatro “A Cena é Nossa”. O somatório desses momentos em diferentes contextos, despertaram a reflexão sobre se “a experiência trazida pela memória gera criação?”. Minha gratidão e encantamento em todo o percurso junto ao grupo, tornaram a vontade de expressar essa trajetória (a partir das memórias e pesquisa) em um material de produção acadêmica. Tanta doçura, transmissão de saberes, talento, gentileza no processo de criação coletiva deles, sem deixar de mencionar o acolhimento agradável, foram transformando-se no desejo de registrar a riqueza de aprendizado, experiências e memórias. Falar sobre criação, cultura, elo de vivências, diversidade de experiências, performance, aspectos vernaculares entre outras coisas, é falar sobre memórias de forma poética, de forma intensa na entrega da produção de arte. Uma fonte de encontro atemporal na promoção de afetos. Um laço intergeracional na divulgação de saberes, na construção lúdica de textos e inspirações como este trabalho.

Palavras-Chave: memória, território, teatro, idosos, performance

ABSTRACT

The motivation for the elaboration of this work came from my experiences and memories with the theater group “A cena é minha”. The sum of these moments in different contexts, aroused the reflection on whether “the experience brought by memory generates creation?”. My gratitude and enchantment throughout the journey with the group, made the desire to express this trajectory (from memories and research) into an academic production material. So much sweetness, transmission of knowledge, talent, kindness in their collective creation process, not to mention the pleasant reception, were transformed into the desire to record the wealth of learning, experiences and memories. Talking about creation, culture, link of experiences, diversity of experiences, performance, vernacular aspects among other things, is talking about memories in a poetic way, in an intense way in the delivery of art production. A timeless source of encounter in the promotion of affections. An intergenerational bond in the dissemination of knowledge, in the playful construction of texts and inspirations such as this work.

Keywords: memory, territory, theater, elderly, performance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – CAMPO DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIAS.....	11
1.1 A MOTIVAÇÃO.....	11
1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O GRUPO DE TEATRO – “A CENA É NOSSA”	14
1.3 ESPAÇO DE VIVÊNCIAS	16
1.3.1 VIVÊNCIAS/MEMÓRIAS PESSOAIS.....	17
CAPÍTULO II – MEMÓRIAS.....	20
2.1 COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS E ESPAÇOS.....	20
2.2 MEMÓRIA E EXPERIÊNCIAS	22
2.3 MEMÓRIA E CULTURA.....	24
CAPÍTULO III – PERFORMANCE	27
3.1 EXPRESSÃO CORPORAL E PERFORMANCE.....	27
3.2 ORALIDADE E PERFORMANCE.....	29
3.2.1 A ORALIDADE NOS ENCONTROS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXO CARTA DE ANUÊNCIA.....	40

INTRODUÇÃO

A inspiração para compor este trabalho surgiu com minhas diversas experiências com o grupo de teatro “A Cena é Nossa”.

O somatório de vivências em diferentes contextos fez despertar a questão de entender através dessa composição sobre se “a experiência trazida pela memória gera criação?”

Não há como supressar a gratidão que tenho em minhas memórias por ter trilhado em tantos momentos com a experiência, doçura, gentileza e processo criativo que, entre outras coisas, compõem o grupo de teatro através de todas as pessoas que participam nele!

Tais memórias foram tomando formato em palavras. O desejo de não deixar cair no esquecimento tanta riqueza de aprendizado e experiências que pude vivenciar, tornam-se parte desse trabalho.

À medida que fui pesquisando, lendo e organizando o material de estudo, fui observando que falar sobre memórias minhas, misturam-se em partes com as deles! Em determinado momento formaram memórias nossas. O interessante é pensar que além disso, tem todo o processo criativo deles na elaboração de suas memórias em belos e emocionantes textos, que também motivaram essa escrita! Falar sobre criação através de memórias, faz pensar no elo poético social com a cultura, com a transmissão de saberes. Elo de vivências, respeito e diversidade de experiências!

Ir à uma reunião do encontro deles, sentar e sentir um tempo-espaco outro sem sair do lugar, é um privilégio! Um verdadeiro encontro que rompe décadas!

Mistura com respeito histórias de vidas, onde a realidade e a troca supera qualquer distinção em razão do aspecto financeiro que permeia tantos campos. Ali com eles, pode-se experimentar o compartilhamento de termos e expressões de determinados locais e épocas, aspectos vernaculares presentes na língua, no vestuário, no remonte de cenários e produção textual. Um verdadeiro encontro atemporal através da arte e fonte de aprendizado intergeracional em memórias circulares. O amor presente em tanta entrega mostra como o amor também é vernacular! Como o corpo, a performance, o afeto e o poético amalgamam encontros vernaculares inerentes às vivências e poder de criação. O tempo torna-se um laço afetivo!

Assim, tem-se nessa relação de tempo-espço a oportunidade de se viver a produção e de ser um produtor cultural, no mergulho entre memórias e afetos. Tem-se, portanto, a oportunidade de ter e viver a memória como um campo de atuação. Em um momento pode-se ser mediador, em outros, parte da criação do campo de atuação. O tempo rompe com o “agora”, no mix de memória vivida e vivenciada, no constante do que se viveu e criou e no que aquele momento pode significar de potência futura de novas criações, no que se forma no tal agora, com exercícios do que se vivenciou. É como se fosse uma brincadeira com o tempo... Você senta, observa, participa. Ativa uma memória vivida e que pode se tornar a memória de alguém um tempo depois. Quem poderá dizer quem foi ou não inspiração de criação? Somos infinitos de potência de criação! Em um tempo que não necessariamente tem que ser o presente. Penso que de alguma forma, um bom exemplo disso é esta produção. Há um tempo conheci memórias, vivi um pouco de outras memórias, construí parte das minhas memórias e a cada dia escrevo um pouco mais sobre essas tais memórias. Gratidão resume o somatório delas. Criação talvez possa descrever um pouco do poder do que há na produção da obra em sua poética.

CAPÍTULO I – CAMPO DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIAS

Neste capítulo abordaremos a experiência de campo e vivências. Nosso objetivo é trazer alguns aspectos importantes da memória, da construção coletiva, da observação participante, entre outros.

Pretende-se elucidar pontos da motivação, trazer um breve histórico do grupo de teatro e outras questões que irão colaborar para melhor compreensão sobre o tema desse trabalho.

Buscamos saber: A experiência trazida pela memória gera criação? Nossa hipótese é a de que ao analisarmos diferentes momentos de vivências e memórias, com gratidão, poderemos criar um material que potencialize as experiências vividas.

1.1 A MOTIVAÇÃO

A motivação para pesquisar este trabalho surgiu a partir de diversas vivências minhas na Oficina de Teatro, com o grupo de teatro “A Cena é Nossa”. Conjugadas com muita admiração e prazer a cada encontro e em diferentes momentos que incluíram apresentações, estágios, pesquisas para disciplinas, entre outros, essas vivências fizeram com que o conhecimento adquirido fosse trilhando o caminho da importância em pesquisar o território da memória na produção coletiva. Retratar, tendo

como elo condutor, as escrevivências¹ da minha memória no decorrer desses diversos períodos. Trazer à luz deste trabalho aspectos vernaculares da memória e do ato de amor que é intrínseco ao grupo. Neste aspecto, compreendemos que,

“(...) Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivências não está para abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha.” (EVARISTO, 2020, P.35)

De um lado têm-se as minhas memórias², e de outro lado, as memórias que compõem os trabalhos do Grupo Teatral. Assim, se

“refere a vários sentidos de memória, segundo diferentes pontos de vista e observa que memória nunca é recuperação objetiva e completa do que já passou. Memória é base não só para fenômenos biológicos, mas também para a identidade cultural e para a tradição, sua seletividade é tanto uma proteção para os indivíduos e sociedades, como é caminho para a cultura.” (FERREIRA, 2004, P.65)

A ideia de pesquisar a produção dos idosos³ do “A Cena é Nossa” se dá a partir das construções de memórias coletivas, que mostram através de seus textos e cenas com a participação ativa e intergeracional entre os membros do grupo de teatro um espetáculo de amor e criação. O território da memória ganha frases, risos, movimentos e entre outras coisas, retratam memórias e aspectos vernaculares em sua construção. Os participantes cantam, dançam, interpretam dores e alegrias, são os próprios estilistas de seus figurinos, e fazem com que seus conhecimentos e

¹ Termo cunhado pela autora Conceição Evaristo, em 1994 referindo-se ao “jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. (NOTÍCIAS, ITAÚ SOCIAL, 2020) Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>

² Para melhor compreensão do termo “memória”, usaremos abordagens textuais de Jerusa Pires Ferreira, que serão elencadas nas referências.

³ De acordo com a Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, Título I, “Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

experiências sejam transmitidos entre gerações a partir da gentileza em compartilhar suas produções do território de suas memórias e afetos.

Observou-se a transmissão de saberes, detalhes vernaculares na participação presencial e remota nos encontros. Os ensaios e preparações revelam detalhes de experiências pessoais que aos poucos vão sendo somadas e tornam-se criações coletivas.

Diversas observações participativas começaram a surgir nos bastidores da produção. Nos ensaios, nos diálogos, de forma empírica em diferentes momentos (como visitante, aluna, estagiária, pesquisadora, dentre outros), tanto na forma presencial ou através das reuniões online (forma remota na atualidade⁴), que me trouxeram inspirações e curiosidades na linha tênue entre memória versus esquecimento na transmissão de conhecimentos.

Sobre observação participante, concordamos que é

“um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente,” (MINAYO, 2007, P.70)

Verifica-se, portanto, a cada encontro, a cada detalhe de construção feita a partir das reuniões e encontros, a importância do grupo na propagação de experiências culturais vividas por cada membro, seja através da produção textual que viram belíssimas encenações a cada apresentação teatral ou em cada roda de diálogos presentes nos ensaios. Considerando que em diferentes equipamentos culturais, tais apresentações são realizadas, destaca-se aqui a importância na transmissão de saberes e aspectos inerentes a contextos históricos diferentes.

Observam-se detalhes ímpares na criação deles, que conjugam experiências pessoais com a coletividade. Abordam temas que podemos afirmar que nos levam a viajar, independente de ter ou não vivido em determinados períodos históricos. Nestes, observamos detalhes vernaculares, onde o termo vernáculo expressa,

⁴Os encontros não estão acontecendo de forma presencial devido à Pandemia da COVID-19.

“tudo aquilo que é próprio de um país ou de uma região, e nele estão instituições, rituais, língua, as variadas formas de arte (...) A motivação de coletividades está se reinventando devido a desafios relacionais, de natureza discursiva e de alcance cultural. O processo de globalização, por exemplo, se sobrepõe às fronteiras geopolíticas firmadas em outros tempos, (...) enquanto o avanço do capitalismo atenua sujeitos. Como consequência, a estabilização cultural é abalada, já que a disposição da atualidade acarreta a fragmentação/desestabilização do sujeito, comprometendo toda uma anterioridade. Decorre daí uma tensão entre língua e definição do vernáculo nela instaurado”. (ALVES, 2014, P.25)

Para mencionar alguma memória que envolva algum participante do grupo, usarei o pseudônimo “Participante” seguido de número (0, 1, 2, 3...) visando garantir o anonimato de cada um deles. O termo Participante 1, por exemplo, será mencionando à alguma memória, sem obrigação de ordem cronológica. As lembranças contemplarão momentos que determinadas inspirações possam acessar algum afeto, experiência epifânicas da minha escrivência, que possam transmitir a visão holística de determinada experiência.

1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O GRUPO DE TEATRO – “A CENA É NOSSA”

O grupo de teatro “A Cena é Nossa”, faz parte do Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal Fluminense (UFF), na Oficina de Teatro, no UFF Espaço Avançado - Trabalho Social com Pessoas Idosas: Processos Participativos na Construção da Cidadania (UFFESPA)⁵. Faz parte do programa que engloba ensino, pesquisa e extensão e é destinado a pessoas idosas majoritariamente⁶.

⁵ O Espaço Avançado está situado na Praça Leone Ramos S/N, Campus do Gragoatá, Bloco E – Salão Térreo, Niterói, RJ.

⁶ Diz-se majoritariamente pela quantidade de idosos, porém, o programa aceita pessoas a partir de 55 anos com encaminhamento médico (de ambulatórios, clínicas e entidades por exemplo).

“a forma de articulação entre universidade e sociedade por meio de diversas ações. Como o próprio nome já diz, é estender a universidade para além dos seus muros, interagindo com a comunidade, visando a troca de saberes. Assim se constrói uma universidade pública de qualidade.”⁷ (PROEX, 2022)

O programa está inserido na área temática da cultura e dialoga com o exercício de cidadania na participação dos idosos no processo de criação realizado pelo grupo.⁸

As reuniões dos encontros do grupo teatral “A Cena é Nossa” são desenvolvidas na Oficina de Teatro do programa, que também incluem exercícios e jogos. Dessa forma, têm-se na metodologia das oficinas um formato

“(…) de produção coletiva de conhecimento, como uma possibilidade de desenvolver um trabalho com memória social. O que não significa o abandono de alguns princípios básicos presentes nas abordagens grupais. Tais princípios promovem a participação, desenvolvem as relações interpessoais, o respeito ao desejo de falar e silenciar de cada um.” (VENÂNCIO & ALVARENGA, 2011, p.9)

Os participantes contam com uma riqueza de conhecimentos e possibilidades de participação, decidem se querem falar ou não e colaboram nas decisões, que são coletivas.

A Oficina de Teatro foi implementada em 1999. Tem na atualidade participantes de várias idades e as atividades também envolvem estudantes, pesquisadores e estagiários, dentre outros, além dos organizadores⁹. Os idosos decidem coletivamente sobre o acesso das vagas para participar. As pessoas interessadas se inscrevem na secretaria da sede do programa e podem aguardar em uma lista de espera devido à grande procura¹⁰.

A possibilidade de participação online/remota, trouxe para o grupo uma nova realidade. Os participantes (novos ou antigos) que se encontram em outros estados e

⁷A Extensão contempla o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Para maior detalhamento sobre a Extensão, verificar o link <https://www.uff.br/?q=grupo/extensao> na página da PROEX da UFF.

⁸ Atualmente o Programa tem a coordenação da professora e doutora Paula dos Santos Kropf da Escola de Serviço Social de Niterói/RJ e tem a assistente social Cristiane Lourenço no atendimento.

⁹ Verificar nota de rodapé 8.

¹⁰ Falarei um pouco mais na parte de Vivências/Memórias Pessoais, a seguir (em 1.3.1).

países podem estar nesse formato de forma ativa, enquanto outros, permanecem de forma mais distante, aguardando o retorno presencial. A necessidade de ter e saber usar o combo que tecnologia e internet pedem, nem sempre é possível para todos ou os agrada.

Desde que foi criado o grupo, foram diversas apresentações e produções que contam com notícias em jornais sobre o excelente trabalho que conta e em diversos lugares e conta com várias peças.

1.3 ESPAÇO DE VIVÊNCIAS

Uma peça teatral pode, portanto, trazer histórias, arte, cultura, costumes, dramas e ensinamentos de diferentes décadas, em diferentes contextos em que os participantes viveram e que transmitem suas vivências como um mosaico de diversos trechos de composição coletiva que resultam em textos e apresentações. Destacam-se nelas características vernaculares (de linguagem e composição material ou imaterial)¹¹.

Suas experiências, sejam felizes ou tristes, aos poucos vão ganhando cores e formas, interpretações feitas por si mesmo ou por outros participantes (nessa versão o protagonista da vida real vira expectador da sua e de muitas histórias), é um momento repleto de magia e criação. Comporta entrega, partilhas, emoções, diferentes sensações, e, sobretudo, a transmissão de vivências através de memórias coletivas.

Sobre as composições a respeito de memórias, podemos entender que:

“(...) situam a memória e o esquecimento, a evocação dolorosa ou a feliz, os territórios do pessoal e do coletivo, a sensorialidade e a lembrança e, ainda, a construção identitária ou mesmo diálogo com o outro. A aproximação é feita

¹¹ Para melhor compreensão do termo vernacular, queremos nos referir às características de linguagens presentes em diferentes expressões trazidas por participantes de diversas regiões e períodos histórico-cultural. Diferenças que somam na beleza conjugada em saberes e formas de transmiti-los; nos vestuários e produção cenográfica – traduzindo momentos vividos em outras décadas e lugares, dando espaço ao remonte de épocas anteriores e/ou materialização através da arte do que já se passou na contemporaneidade; aos ditos estilos musicais presentes em cantigas, danças e modo de criar/produzir obras textuais e de apresentação. Trata-se de um espaço vernacular de memórias vividas, parte de um universo de construção retrô e/ou vintage. Por nos apresentar a riqueza do antes e mesclar com o agora.

a partir do texto de artistas de várias latitudes e linguagens. (...)” (FERREIRA, 2003, P.25-26)

É no espaço denominado Espaço Avançado que as memórias são compartilhadas pelo grupo teatral. É nele que os encontros vão dando significados às memórias e transformando-se em textos cuja riqueza cultural e artística, abrem novos caminhos para muitas outras vivências.

1.3.1 VIVÊNCIAS/MEMÓRIAS PESSOAIS

Em relação às minhas memórias e afetos, elas começam em outros momentos e continuam durante esta produção¹².

Inicialmente, meu primeiro encontro foi em 2009, indo assistir uma apresentação deles no Centro de Artes da UFF. Eu observava a beleza e talento de todos os participantes e, de imediato me apaixonei pelo talento do Participante 0¹³. Ele usava um chapéu rosa bem forte e uma gravata azul, que davam à caracterização do personagem locutor uma alegria e atraía os olhares para cada fala dele. Durante a peça, todos ali brilhavam! Era impossível não sorrir com diversos trechos da “Rádio Avançado no Ar”¹⁴! O enredo trazia memórias de como eram as notícias e participações na rádio, com diversos destaques: as cartas de conselhos da Madame Zoráide; o amor proibido tão maravilhosamente interpretado pelo Participante 1 (que era estrangeiro, portador de deficiência visual e cantava seu amor para a amada em uma música em espanhol); os cantores e cantoras interpretados por quase todos eles,

¹² Ressalto que permanecerei participando dos encontros com o grupo até o final deste estudo. As participações acontecem às quintas-feiras, durante os encontros na Oficina de Teatro. Como este estudo para a produção desse Trabalho Final do Curso de Graduação em Produção Cultural acontece em 02 (dois) períodos, a continuidade de digitação do mesmo, traz minhas revivências (uma conjunção de vivências, experiências e memórias que me fazem reviver períodos diversos de minha formação acadêmica e participante com os/as integrantes), bem como ter novos aprendizados e compartilhamento de memórias a partir de encontros com novos e novas pessoas que estão no grupo, no atual formato online (todo o semestre anterior) – que até o final deste, poderá contar com alguns encontros presenciais – momentos diferentes a partir da vacinação contra a Covid-19, no semestre atual.

¹³ Lembrando que usarei números e não nomes para garantir o anonimato de todos os integrantes, conforme mencionado no item 1.1 deste trabalho.

¹⁴ A Era do Rádio no Brasil, significou o sucesso e popularização das emissoras de rádio como meio de comunicação em massa e de entretenimento. Correspondeu ao período dos anos de 1930 a 1960. Nesse período vários cantores e cantoras conquistaram fãs e inspiraram alguns dos participantes. Na peça intitulada de “Rádio Avançado no Ar” eles remontam cenários, vestuários, penteados, jeitos e gestuais, o estilo de cantar e interpretar inspiram e juntos compõem características vernaculares presentes na atuação.

que contagiavam de alegria a plateia, que mesmo sem saber algumas músicas, cantavam trechos de marchinha de carnaval ou outra canção que parte do público já conhecia ou que conheceram naquele momento; uma criação vernacular nos figurinos e artefatos; dentre outros. A simpatia em atender os fãs era contagiante!!!

Aos poucos fui conhecendo os participantes na sede deles, que fica no térreo da Escola de Serviço Social que eu começava a cursar a graduação. Tive vários encontros na entrada e saída do prédio de forma mais tímida e, gradualmente, fui buscando informações sobre futuras apresentações. Eu ainda não imaginava que no futuro faria seleção para tentar vaga de estágio e participar junto com todos¹⁵.

Fui participando em diversos momentos, como fã, como pesquisadora, como estagiária, em vários períodos da graduação e depois, também, na atual graduação em Produção Cultural.

Sempre foi uma opção minha estar com eles. Eu buscava conhecer mais e mais... Independente de rótulos acadêmicos e mesmo sem necessidade de horas/notas/certificados ou o que fosse, eu queria e permaneço querendo estar ali.

Na graduação anterior, em Serviço Social, eu fiquei sem meus amores na terra e o olhar de ternura e acolhida cercada de doçura e ensinamentos, preenchiam um espaço de dor que ia se formando cada vez mais. Lembro do carinho da Participante 3 dizendo: "Tão novinha e já ficou sem a mãe!" Lembro de uma pessoa se importando em como eu me sentia em permanecer em um espaço com idosos, se isso ia mexer ainda mais comigo, e lembro que estar ali me fazia bem! Estou falando sobre afetos e da importância deles em um momento que eu estudava e meu coração se partia!

Em uma determinada apresentação, lembro de estar vestida toda de preto e sentada no chão de um palco de teatro, com o texto nas mãos e ser o "Ponto" (que lembraria trechos dos textos se alguém precisasse – e, acreditem: não precisaram uma só vez!) Eu fazia parte do elo onde todos ali eram importantes para todos.

Fazer anotações, dar esclarecimentos, buscar locais para apresentação, acompanhar fora da unidade da sede em diversos locais de apresentação, ensaiar junto de alguma forma, significava dentre outras coisas aprender no coletivo, respeitar

¹⁵ Queremos ressaltar que compartilhamos da ideia de "todos, todas, tods, todxs, tod@s e todes", ainda que não claramente no decorrer da escrita. Porém, respeitamos a inclusão de todos gêneros e a luta do ativismo social que visa defender os direitos das minorias. Para mais informações sugerimos o link <https://cienciahoje.org.br/artigo/todas-todes-todos-tods-todxs-tods-ativismo-social-genero-e-usos-da-lingua/>

a diversidade e diferenças, ter cuidado com a acessibilidade, e aos poucos ir colecionando memórias, experiências e gratidão. Um aprendizado ímpar, enriquecedor e gratificante.

Lembro da pontualidade de todos, da seriedade, dos risos e olhares atentos. Lembro da importância que nos davam em trabalhos (como neste Trabalho Final no momento), na disponibilidade em atender, em cooperar e em ver meus estudos ou pesquisas com outros discentes de turmas, o olhar de quem sabe como ensinar e não se priva de aprender e apreender ainda mais conhecimentos. Gentilmente eles se sentavam muitas vezes em roda e olhavam, respondiam ou perguntavam. Todas as vezes eu saía com a vontade de voltar na semana seguinte.

Atualmente, nos encontros online, os participantes mais recentes (ou nem tão recentes, mas que fazem parte de um novo ciclo)¹⁶ compartilham do mesmo cuidado com os estudantes e os acolhem sem reservas.

Eu não pretendo escrever demais aqui e cansar os possíveis leitores deste trabalho. Quero somente dizer que sou grata pelo conhecimento adquirido, pelos bons momentos vividos, pela importância do compartilhamento de vivências intergeracional, por estudar com eles e ter a chance de realizar mais este trabalho. Como aprendi, a vida entre tantas coisas é memória!

Refletimos com Venâncio (2011) que:

“É possível, então, com base nos fragmentos de memória escritos, brincar com a construção de textos coletivos, unir os pedaços que surgiram desgarrados, desconstruir e construir histórias, fazer surgir um relato de vida escrito que é de todos e de ninguém.” (p. 37)

Em algum momento, possivelmente, nossas histórias podem inspirar memórias, textos coletivos, escrituras, poemas, podemos reconfigurar espaços e ter belíssimas criações.

¹⁶ A necessidade de encontros online, também trouxe a possibilidade de promover a inserção de participantes de estados mais distantes ou até mesmo a participação dos que residem próximo a sede, quando precisam viajar/se ausentar por alguma razão. Se de um lado a tecnologia pode não ser a melhor aliada devido a necessidade de ter que ter aparelhos e meios de conectividade digital (manuseio e meios tecnológicos) e afastar alguns participantes, de outro lado, aos que sabem mexer com tecnologia (ou tem ajuda) e possuem os aparatos para uma conexão virtual, puderam se inserir e/ou permanecer nas atividades.

CAPÍTULO II – MEMÓRIAS

Neste capítulo, queremos falar com um pouco mais de acuidade sobre memórias. Para isso, traremos alguns conceitos que auxiliarão no entendimento e reflexão sobre elas.

Nosso objetivo é promover uma maior compreensão e uso desse termo neste trabalho. Queremos aprofundar sob qual ótica, um pensamento pode levar à inspiração e de como a conexão de luzes entre eles pode gerar uma criação. De forma que sua organização associada à estudos e sensações possam levar para a essência poderosa de realização de inspirações.

2.1 COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS E ESPAÇOS

Fazer parte de um grupo, em um local agradável e seguro, com proximidades de vivências em determinados contextos sócio-histórico-cultural, possibilita um ambiente de criação em que os participantes se sentem pertencentes a ele. Embora tenham possibilidades de encontros intergeracionais, onde os contextos descritos anteriormente apresentem muito ou pouca mudança, ainda assim, os participantes dialogam de forma terna, generosa, com partilha de suas experiências de forma enriquecedora. A sensação de pertencimento e protagonismo, dentre outras coisas, ou une de forma criadora.

O compartilhamento de memórias potencializa a entrega seja nos ensaios, nas atividades extras ou apresentações. A integração existente entre eles forma um elo potente na conjugação entre corpo, presença e lugar.

“(…) Lendo e relendo o material produzido pelo grupo, podemos perceber que, quando aqueles sujeitos se colocam diante desta substância informe que é a memória, é como se rasgassem a sua camada protetora, fazendo surgir uma matéria bruta. Um mosaico construído por imagens de fatos cotidianos acontecidos em território de intimidades e afetos. Com o cuidado de quem lida com pequenos estilhaços de vida e procurando construir uma comunidade de discurso, fomos visitando estas casas, abrindo portas e janelas de um tempo bem distinto do atual. (VENÂNCIO, 2011, P.38)”

Descobrem-se ressonâncias em um cenário de experiências e afetos. A vida retratada em memórias cria um cenário da vida. Um metapoema de descobertas e de construção coletiva. Há uma reconfiguração espacial¹⁷ e uma interação inigualável!

Um mosaico memorial que vai compondo os encontros e neles suas características onde o local tem alteridade preservada, respeito na diversidade, valorização de subjetividades e ideias de criações culturais. Valorização de histórias nas dimensões presentes nos diversos personagens e suas diferentes relações que o compõem. A presença do reconhecimento e estranhamento presentes nas narrativas que elevam o poder de criação.

Um ambiente lúdico se forma com proposições e conjugações de saberes. A sensação de pertencimento propicia a troca, a interação entre o viver, aprender e apreender sobre diferentes prismas detalhes da cultura e vida de cada um. A partir daí, as atuações já se misturam e, de alguma forma, deixa de certo modo de ser história de cada um para compor histórias dos participantes como um todo. Engloba a contribuição de quem está no grupo na atualidade com a de quem já passou em algum momento e que por diversas razões não participa mais. Há, portanto, um processo real de criação onde acontece o descolamento do espaço em que algo foi vivido para ter-se um local onde a função das coisas e experiências foi recriado. Há uma reconfiguração do espaço que permite a apresentação de muitos aprendizados no caminho da vida, expressados de forma lúdica e com aspectos vernaculares

¹⁷ A respeito de reconfiguração espacial, tomo como referência Anotações de Aula da disciplina de “Explorações e Reconfigurações Espaciais” – GAT 00158, ministrada no 1º /2021 na UFF, pelo docente Luiz Guilherme Vergara, que entre outras coisas ampliou o entendimento acerca do espaço e as interfaces que a reconfiguração dele podem promover.

em cenários, vestuários, vozes, artefatos, entonação em canções, entre outras coisas, que tornam a magia do teatro em palco de produção cultural.

2.2 MEMÓRIA E EXPERIÊNCIAS

O que se vive, como se vive e o que parece de alguma forma permanecer nas nossas lembranças ou imaginário, permeia o que tantas vezes se chama experiência. Sobre as experiências vamos compreendendo que as nossas ou a de quem chega e nos conta, vão aos poucos preenchendo espaços que formam saberes, que em algum momento vão tracejando os caminhos percorridos pela vida.

Concordamos que:

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (...) Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.”
(BONDÍA, 2002, p.20)

Ao escrever esse trabalho, de alguma forma registro e transmito as minhas experiências e “escrevivências” para quem for ter acesso à esta leitura. Nela (e no meu ser) já contam com outras tantas, gentilmente compartilhadas anteriormente em algum dos diversos momentos em encontros, pesquisas, bate papo enriquecedores, ensaios, reuniões online ou presencial, participando ou assistindo a uma apresentação com o grupo de teatro. Recordemos que os textos são elaborados a partir de experiências coletivas, que podem nos levar a somar mais alguma memória pelas experiências compartilhadas.

A respeito da diferença sobre informação versus experiência, ressaltamos a importância em sinalizar que,

“(...) A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar

nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, quando se está informado. (...) podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu.” (BONDÍA, 2002, P.21-22)

Podemos dizer que permanece em nós o que mexe conosco. Que entre mil palavras e risos ou choros, que vivemos ou dizemos, uma parte apenas que irá compor a gama de memórias que poderemos ou não querer compartilhar nas nossas escrituras ou experiências. E ao ouvinte ou leitor, que o impacto sobre essa partilha será percebida como uma informação entre muitas outras, ou como um momento de aprendizado intenso que soa como vivência.

Na nossa realidade inundada de assuntos efêmeros, fica subjetivo o que intimamente vai causar relevância no somatório de experiências. Uma situação pode ter efeito ímpar, tornar-se dessa maneira uma parte do marcante do conjunto de experiências de uma pessoa. Como aquelas histórias que se conta, que se torna uma espécie de exemplo, que pode torna-se gratidão... E, dessa forma, podemos dizer também uma criação!

Uma pausa para um encontro... um ensaio... um momento de partilha e criação, uma doação de tempo, mais uma oportunidade de vivenciar experiências. Nesse sentido, sinaliza Bondía (2002), “(...) a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. (...) Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigos mortais da experiência”. (p.23)

A escolha na utilização do tempo em fazer parte do grupo de teatro “A Cena é Nossa”, dentre muitas coisas, significa utilizar o tempo para enriquecimento cultural e intergeracional através da convivência entre os idosos e demais participantes do

grupo. De valor incalculável pela riqueza de experiências compartilhadas, de afetos, de troca de ensinamentos e aprendizagens; os encontros potencializam a criação, a escuta, olhares permeados de silêncios e risos... Algumas vivências parecem traduzir mais que uma realidade... É um espaço cuja escolha em estar ali, reluz gentileza, doçura, afetividade, interação, produção cultural, emoção, imaginação, dentre outros. Para solidificar esse pensamento, concordamos que

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”
(BONDÍA, 2002, p.24)

Ouvir memórias e fazer parte delas é algo mágico! Fica além de traduções, de termos que já se cunhou ou que possam vir a criar. Embora faça parte de algo coletivo, o impacto delas sobre cada pessoa tem caráter subjetivo único. Cada um tem sua própria estrada de emoções e vivências, então, o que toca cada um independe de regras, de jogos, de possíveis citações. Depende, portanto, de algo interior que soma, que faz gravar algo nos labirintos e caminhos da memória.

2.3 MEMÓRIA E CULTURA

Nesse tópico trarei um pouco mais¹⁸ das minhas memórias, experiências, vivências, escrevivências e, como tenho sentido ao compor este estudo; minhas revivências. Sinto que acabo de alguma forma revivendo momentos, mesmo nesse outro cenário (por trás de um celular ou notebook), em participações remotas junto ao grupo¹⁹, mesmo sendo eu no meu agora (compartilhando um pouco do que vivi no

¹⁸ Em diferentes momentos permeio a escrita com minhas experiências, de forma mais aprofundada no 1.3 do capítulo anterior.

¹⁹ Lembrando que os encontros permanecem de forma remota/virtual/online, mas, com possibilidade de retorno presencial antes do término deste trabalho. Eu associo na escrita o que vivi no passado em

passado) e “escrevivendo” o que ainda vou conhecendo sobre eles nesse novo período. Novos aprendizados surgem a cada encontro. Novas possibilidades de aprendizados e compartilhamentos de experiências. Novas atividades ou novos participantes em determinada tarefa.

O encontro intergeracional que acontece no grupo em suas reuniões e atividades, podem promover um intercâmbio de culturas e contextos. A troca mútua de conhecimentos, de histórias e experiências podem acontecer já dentro do próprio grupo (como aconteceu quando participei e tinha participante de outro país), como também, nos palcos onde se apresentam.

Como não vivenciar uma viagem maravilhosa na “Rádio Avançando no Ar” com a peça que traz a uma grande parte da trajetória do rádio com a apresentação de encantadores artistas? É momento que se compreende e/ou conhece outros estilos de música e interpretações. Um encontro em outros conceitos, ritmos, estilos, aspectos vernaculares de criação e trazem consigo, dentro de cada letra, contextos e influências de outras décadas (há quem prefira falar em outras épocas ou outros tempos, eu prefiro décadas por considerar que o gosto musical é atemporal).

Muito sobre cultura, em suas inúmeras possibilidades de definições, se encontra de um país ou de suas regiões (com suas particularidades) em textos teatrais. Imaginemos o belo encontro promovido entre gerações que o grupo “A Cena é Nossa” propicia. Nesse sentido, refletimos:

Mas o que é a cultura? Num sentido amplo, *somos todos produtores culturais, porque o primeiro objeto do nosso cultivo é a própria vida*. Cultivamos a vida biológica, afetiva e social: o trabalho e o lazer, a guerra e a paz. *Todos produzimos cultura: gente de uma mesma região, etnia ou religião*. A vida, para que exista e persevere, exige. *É das respostas que damos às exigências da vida que nasce a cultura. Cultura é o "fazer", "como fazer", "para que" e "para quem" se faz*. Castores constroem sempre os mesmos diques, geneticamente programados; pássaros fabricam sempre o mesmo ninho, cantando a mesma canção. Nós, seres humanos, somos capazes de inventar canções e arquiteturas!

um dos diversos momentos que tive a oportunidade de conhecer, prestigiar, participar e estudar com eles. Porém, esse caminho não é algo estanque. Continuei participando por escolha própria em diversos momentos por ser um privilégio tantos encontros com eles. Mesmo sem a “obrigação” de uma pesquisa ou necessidade de algum tipo de carga horária, quis estar ali aprendendo e apreendendo coisas com eles. Resumindo, falo do antes, do momento presente e falarei do que ainda vi verei enquanto durar esse estudo.

Inventamos a roda para viajarmos mais longe do que podem as pernas; a ponte, para cruzarmos o rio; construímos casa que nos abrigue e roupa que nos proteja do sol e do frio. *A cultura constitui-se em todas as atividades que satisfazem necessidades, mesmo supérfluas. É o "como fazer" o que se faz. (...) Somos todos produtores culturais (...).*

A arte faz parte da cultura. A cultura é o ser humano, é o que há de humano no ser, é aquilo que o distingue dos outros animais. Os produtores culturais, porém, não produzem apenas para si mesmos(...).

Para lutar pela nossa vida cultural, temos que estudar nosso passado, neste fantástico presente que estamos vivendo, para podermos inventar nosso futuro (...)." (BOAL, 2002, grifos nossos)

Narrativas, enredos, ensaios, encontros, desejos... e muito mais tem nos encontros. Tem a calma, a pausa, a vibração, a cultura em mais de uma dimensão. Como bem disse Boal (2002), "cultura não é luxo: sou eu, é você (...)"²⁰ somos nós!

²⁰ O trecho faz parte do texto de Augusto Boal, 2002. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200209.htm>

CAPÍTULO III – PERFORMANCE

Neste capítulo falaremos sobre a performance. Queremos abordar um pouco sobre a atuação e a expressão dos artistas.

Nosso objetivo é compreender a importância dos atores em cena, sobre o corpo e a sua performance.

Queremos abordar a imensidão da memória na produção coletiva transformada em movimento, em expressão corporal, com traços vernaculares, com risos, sonhos e vivências. A memória como mediação cultural; como elo de transformação e preservação na transmissão de cultura e saberes, a experiência de vida como produção textual e de significados entre as gerações e a performance que dá vida nas atuações, no processo corporal histórico feito com e pela memória.

3.1 EXPRESSÃO CORPORAL E PERFORMANCE

A performance só existe quando se executa a produção textual, sendo feita pelos participantes (que colaboram com suas próprias histórias de vida na criação dos textos). Sem ela, os textos seriam registros do que viveram, sem o potencial de uma cena! Por isso, a atuação é um momento produtivo que une a imaginação e a criação.

A peça teatral é a execução em cena de suas memórias, relatos e registros em forma de expressão corporal. Representa o movimento do corpo e a atuação dos

atores e atrizes. Nesse sentido as palavras transbordam a leitura e se transformam em performance. Enquanto não há o movimento, o potencial da atuação não se transforma em cena.

Sobre a produção e a importância do ator, do seu corpo e, neste estudo, sobre a produção coletiva a partir de memórias, concordamos que:

“Antes do homem estar consciente da arte ele tornou-se consciente de si mesmo. Autoconsciência é, portanto, a primeira arte. Em *performance* a figura do artista é o instrumento da arte. É a própria arte.” (BATTCOCK. 1984, apud MATUCK, 2002, p. 16)

Nesse sentido, concordamos com Cohen (2002) que “a performance é antes de tudo uma expressão cênica” (p.28), cuja ação performática é compreendida como uma relação do espaço e do tempo que a caracterizam. Ou seja, para o autor, o entendimento da performance acontece com uma função de atuação acontecendo em um dado instante e local ao vivo.

Podemos, portanto, ressaltar a importância da conjunção criativa que o grupo de teatro “A Cena é Nossa” possui. Articulando vários talentos, aspectos diferentes de criação e participação na produção coletiva, têm-se uma coletânea de intervenções e aspectos performáticos. Observa-se nos encontros, ensaios e apresentações em diferentes locais e cenários, a versatilidade nas diferentes expressões que a arte da performance engloba.

Sobre o potencial da performance, entendemos que ainda há alguns elementos que devem ser destacados, evitando incompreensões e ampliando a sua visão conceitual,

“(…) Pois performance não é “qualquer coisa”. A ideia de que “qualquer um pode fazer arte” ou de que “qualquer coisa pode ser arte” já constituiu há algum um paroxismo eficaz. Hoje, quando já se experimentou tudo ou quase tudo, ela é uma ideia ultrapassada, reacionária ou até ideologicamente suspeita.

Como toda linguagem, por mais anárquica que seja, a performance também deve ser articulada. A articulação da anarquia também existe. Seja a performance como for a articulação é o único parâmetro de sua verdade, projeção, intensidade de seu efeito e qualidade de suas ideias. Há uma técnica para a performance, assim como para qualquer categoria de arte. A performance é uma pintura sem tela, uma escultura sem matéria, um livro

sem escrita, um teatro sem enredo. Ou a união de tudo isso... E é, pensamos, uma das linguagens mais árduas e complexas de se criar.

Contudo, hoje, ao contrário de dez anos atrás, o rompimento com a materialidade não é mais o objetivo principal da performance. Agora ela tornou-se teatral. Teatro, dança, música, poesia, vídeo e filmes são empregados, mas nenhum deles como forma única de expressão pode ser considerado performance. Isso é típico do ideal pós-moderno, que erradica disciplinas categoricamente distintas. Alguns tipos de performance ainda são chamados “arte do corpo”, às vezes ela é chamada de “escultura como ação” (quando o trabalho existe apenas durante o tempo utilizado para demonstrá-lo, e não é teatral). Outra performance é a teatral, no uso de ilusão, elementos cênicos, representação, ficção e autobiografia, mas há também a performance sócio-política e a ideia de que ela pode “emoldurar” rituais religiosos ou atividades prosaicas do dia-a-dia. Os seus materiais podem ser tecnológicos, biológicos, tangíveis ou intangíveis.

Como se vê, a performance constitui um mundo riquíssimo(...) ²¹ (LEIRNER, 1984, grifos nossos)

Assim, analisamos ser a memória e a produção coletiva, a partir de um roteiro de experiências, palco de intenso potencial criador de performances. Onde cada participante colabora com sua expressão corporal e seu material de vida nesse cenário de atuação. Dando suas vozes, seus tons, a experiência de vida na escrita e no retratar de décadas vivenciadas, o encanto da poesia de suas vidas, seus passos de danças, a linguagem vernacular presente nas diversidades que a permeiam, associando suas emoções à ludicidade!

3.2 ORALIDADE E PERFORMANCE

A escolha em falar sobre a oralidade, começa na força que a voz traz às cenas. Porém, falar sobre oralidade é mais que falar de voz propriamente dita, já que traz consigo expressões populares de diferentes períodos históricos; traços vernaculares de linguagens, por refletirem palavras, gírias, aspectos diferentes e particulares sobre várias regiões com suas particularidades; por trazer marcas distintas em textos escritos em vários gêneros; significa uma forma de aproximar

²¹ Disponível na matéria: “A Perda de uma Excelente Oportunidade de Revelação.”, em O Estado de São Paulo em 07.08.1984

pessoas e atrair a atenção delas para um determinado trabalho; compreende som, ruído, silêncio, expressões corporais, sonoridades; linguagem que pode ser informal; e, por ser um recurso teatral.

A oralidade faz parte da cultura e está presente na produção cultural que é inerente à ela. Quando falamos na produção coletiva através da memória dos participantes do grupo teatral “A Cena é Nossa”, queremos, também, ressaltar a importância poética dada a ela.

Deste modo,

“(…) o modelo teatral, em nossa cultura, *representa* toda poesia na própria complexidade de sua prática. (...) o texto teatral procede de uma escritura, enquanto sua transmissão requer a voz, o gesto e o cenário; e sua percepção, escuta, visão e identificação das circunstâncias. Escrito, o texto é fixado, mas a interpretação permanece entregue à iniciativa do diretor e, mais ainda, à liberdade controlada dos autores, de sorte que sua variação se manifesta, em última análise, pela maneira como é levado em conta por um corpo individual. Assistir uma representação teatral emblematiza, assim, aquilo ao que tende – o que é potencialmente – todo ato de leitura. É no ruído da arquivalavra teatral que se desenrola esse ato, quaisquer que sejam os condicionamentos culturais.” (ZUMTHOR, 2007, p.61-62)

Percebemos que ao escrever e atuar a partir da construção coletiva sobre as memórias, temos um lindo cenário de vivências e transmissão de saberes onde esclarece Zumthor (2007) que “a performance é o ato de presença no mundo e em si mesmo. Nela o mundo está presente. (...)” (p.67).

Um conjunto de sentimentos, sensações e doações costumam estar presentes nas encenações. Ali se concretiza todas as idas e vindas aos encontros e toda a superação de dificuldades que possam existir para aquele momento. Lembremos aqui, que durante o ano são várias estações e nem sempre é tão fácil ou igualmente possível o deslocamento para os ensaios. Mesmo assim, os participantes²² perseveraram e vão! A responsabilidade em estar ali, o sentimento do compromisso e respeito com os demais é evidente. Quando não podem por alguma questão de saúde ou pessoal, fazem questão de avisar. Encenar significa, entre tantos momentos, a celebração da conquista pois, como disse Zumthor (2007), “a beleza

²² Os/as/es participantes, como mencionado na nota de rodapé 15.

vem a mais, como uma graça. Mas da presença gera-se um prazer. E o prazer é o mais alto valor do espírito, pois é ao mesmo tempo alegria e signo: o signo de uma vitória de e sobre a vida, esta vitória nos faz humanos” (p. 109).

3.2.1 A ORALIDADE NOS ENCONTROS

Durante o primeiro encontro presencial²³ que reuniu os participantes do Programa UFFESPA e, portanto, os do que fazem da Oficina de Teatro A Cena é Nossa, foi um momento de muita emoção no reencontro (para alguns) e no encontro (para os novos participantes).

Em um visual perfeito da Baía de Guanabara, com gramas, mar, sol (fraquinho e de muita luz) no inverno, com a Barca passando bem ao fundo desse cenário e com muita vontade de estar ali, aconteceu o tão esperado e maravilhoso encontro! Para mim, foi muito mais do que estudar/pesquisar; foi querer estar ali e ficar feliz com isso!

Com a atividade acontecendo e o uso de máscara, depois de tanto tempo de isolamento e sem ver de perto os demais participantes (até nos encontros com atividades online muitos precisavam estar de máscara atrás de uma tela), reconhecer as pessoas no encontro presencial não foi tão simples para todos! E, é exatamente aqui, que a oralidade nos apresentava (ou fazia recordar)! Fiquei emocionada ao ouvir de uma talentosa participante, que aqui chamarei de participante 1: “A sua voz eu reconheci! Te conheço pela voz!”

A memória é um território em construção, e algumas vezes, de criação e produção cultural! E, enquanto celebravam o (re)encontro, lembravam dos anos que cada um tem no grupo e se apresentavam. Contavam um pouco como chegavam e suas expressões compunham um tipo muito particular e corporal de falar de si e em um resumo de suas chegadas junto ao grupo. Parecia um ensaio ao que poderá surgir em um novo trecho de uma futura peça, pois não tinha como não sorrir diante de várias

²³ Depois do período de isolamento devido à pandemia, em 21 de junho de 2022, foi a primeira vez em pouco mais de dois anos, que um encontro presencial ocorreu e pôde reunir os novos e antigos participantes, no Bloco E, Campus Gragoatá em Niterói, onde tem a sede – que ainda não está com o espaço liberado -, porém, a atividade Sarau Junino foi realizado na parte do térreo, uma área aberta, com uso de máscaras de proteção e com prévio envio do comprovante de vacinação de cada pessoa inscrita para participar da atividade, além de outros procedimentos que potencializassem a promoção da saúde, cuidados e segurança na construção de formas de convivência nesse retorno gradual.

falas dos participantes! Foi impactante ouvir da participante 2: “Meu primeiro dia de liberdade foi aqui! Eu cantei aqui! Eu não esqueço nunca, aqui é minha vida!”

À medida que cada pessoa ia falando e gesticulando, uma emoção nova surgia! Todas riam com o comentário da participante 1 ao dizer: “Bando de mulheres maravilhosas!” Não tinha como deixar de notar os olhares emocionados em reconhecerem a importância de cada pessoa ali presente ²⁴, eles se conhecem e entendem o quanto na sua trajetória pessoal foi importante essa ida para o grupo, sabem de seus desafios e superações particulares. Mas a presença não anulou a homenagem com palmas aos participantes que já se foram! Em uma celebração à vida, a participante 2 disse: “Estamos todas velhas! Graças a Deus!”

Cantaram, dançaram, brincaram e deram um espetáculo de vida e sobrevivência! Perguntaram, compartilharam e mais uma vez, acolheram cada pessoa que chegava para participar ou olhar a atividade (lembrando que era um local aberto e algumas pessoas passavam).

Nesse sentido concordamos que,

“Um corpo-em-vida é mais que um corpo que vive. Um corpo-em-vida dilata a presença do ator e a percepção do espectador.

Há alguns atores que atraem o espectador com uma energia elementar que “seduz” sem mediação. Isso ocorre antes que o espectador tenha decifrado ações individuais ou entendido seus significados. (...)

Com frequência chamamos esta força do ator de “presença””. (BARBA, 1995, p.55)

A oralidade contempla e saúda a memória. No conjunto movimento, ação, fala, pausa, silêncios, dentre outros aspectos, têm-se a emoção, a sensibilidade, uma combinação rítmica de tempo no atemporal do tempo de reviver e expressar memórias. A associação oralidade e performance faz reverência à produção cultural que permeia o campo da memória.

Diante desse cenário de (re)encontros, concordamos com Sales (2021) que “a oralidade é um meio privilegiado de interação e comunicação. Ocupa posição de

²⁴ Majoritariamente estavam presentes as mulheres e tinham dois homens. Um violonista e os dois cantavam junto com as demais pessoas, porém, não foi mencionado o gênero que preferem ser chamados.

centralidade nas relações humanas e na constituição da subjetividade. É fundamental aos processos de ensino e aprendizagem”.²⁵

A oralidade é inundada de memória. Podemos compreender a força conjunta entre performance, expressões corporais, oralidade e memória. Em outras palavras, podemos afirmar um amplo espaço de criação cultural que a memória propicia. Um espaço de respeito à saberes e as diferentes formas de transmissão que possuem, ao valor imensurável como canal de conhecimentos e de aprendizagem, como exercício de cidadania e promoção de autonomia criativa, como valorização à pessoa idosa, como “viagens no tempo” de uma forma segura e repleta de detalhes que mostram o passado com traços do que vinha para um futuro que a cada dia vai se tornando presente e como em uma roleta – vai tecendo o passado, vislumbrando futuro e virando presente num movimento sem parar chamado tempo, tornando-se algo de um passado de novo. A cada dia mais e mais possibilidades de criações a partir de memórias coletivas.

Um potencial que une a nostalgia, na reflexão proposta por Savarese (1995) “(...) em seu sentido original – uma paixão por um retorno (...), uma característica da atividade artística (...)” (p. 166) no caminho amplo de linguagens teatrais e culturais.

Compreendemos a imensa forma de rememorar o passado e entender diferentes contextos históricos-políticos-culturais presentes no teatro e na conjunção de diferentes técnicas, cenários e aspectos vernaculares presentes na oralidade, no gestual, nas diversas formas de expressões e figurinos, com isso, termos através da representação teatral a partir do território da memória um potente lugar de criações e produções culturais coletivas.

²⁵ Disponível na matéria: “A importância da oralidade em todas as etapas da Educação.”, em MultiRio em 26.01,2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho constituiu-se em trazer experiências de campo, através de vivências, experiências e memórias, que envolveu a observação participante em diversos contextos junto ao grupo de teatro “A Cena é Nossa”.

Nessa trajetória de aprendizados a partir de transmissão de saberes, arte, cultura, disciplina, dedicação, performance, dentre outros, de todos os participantes, pode-se analisar o potencial criativo através do território da memória na produção coletiva.

O somatório de vivências em diversos períodos com o grupo, aliada a gratidão, fez perceber que a experiência trazida pela memória gera criação!

As minhas memórias com eles e o trabalho de produção de peças deles com memórias coletivas, tornaram o desejo de transformar em palavras tantas vivências neste Trabalho Final (TF) do curso de Produção Cultural. Não somente como parte da exigência para obtenção do título de bacharel do curso, mas, principalmente, como um registro de uma prazerosa trajetória junto ao grupo.

Para compor este estudo, novos momentos e troca de saberes foram vivenciados durante os dois semestres que engloba o TF (1 e 2). Novos desafios e novas experiências no formato online/remoto (que ainda é o atual) foram experimentados. Foi interessante e desafiador participar dos encontros com eles nesse formato. Antes do TF, todos os encontros, reuniões, ensaios e apresentações

eram presenciais. Novas experiências surgiram, novas pessoas no grupo, nova realidade com exigências tecnológicas e materiais para participar dos encontros e novas possibilidades também. Pode-se perceber que nem todos os participantes gostam, podem ou conseguem se incluir na geração da internet. O que me faz pensar em potencial de novos textos em outros contextos no futuro. Muita emoção no primeiro e único encontro presencial em pouco mais de 2 (dois) anos. Reuniu participantes que estavam mais distantes com os que conseguiram se manter e com os que chegaram através das reuniões pela internet. Até mesmo em alguns grupos de redes sociais, a necessidade de saber mexer em um celular, por exemplo, atrapalha e de até certo ponto afasta. Por isso, o encontro presencial foi tão emocionante e repleto de afetos.

Foi de grande riqueza estar em um espaço onde o território da memória reflete tanta cultura! Todos formando elos na produção cultural e preservação de saberes! Elos de vivência, elo poético social, elos de ensinamentos, elo de pertencimento, dentre outros. Um caminho de construção coletiva na preservação de memórias de tantos contextos histórico-sócio-político-cultural.

Foi importante refletir como o ato de amor é vernacular. Como tantos traços presentes nos aspectos vernaculares formam um mosaico de imenso potencial criativo.

Compreendemos a importância do território da memória no campo de atuação e do lúdico, por ser ela vida, cultura e potencial para a performance. Através dela pode-se conjugar o presente, o passado e o futuro com arte em diferentes produções.

Consideramos importante ressaltar a importância dos idosos nas transmissões de saberes e do protagonismo deles na produção cultural inerente ao grupo.

O teatro pode ser a linguagem secreta do corpo e da alma. O amor também está presente nas memórias. Portanto, a vida, o lúdico e a performance são elos que estão presentes na produção de arte e cultura no mosaico do modo de criação coletiva.

Observamos que a memória é um território em construção que pode aliar a produção cultural com a promoção da cultura nos palcos da vida em sociedade.

A realização desse TF foi mais que o cumprimento de um trabalho acadêmico, foi o resultado da concentração detalhada da minha vivência junto ao grupo de teatro e, também, uma forma de agradecimento por minha trajetória com eles. Fomentou a vontade de continuar pesquisando outras questões e aprofundamento em mestrado. Considero o teatro uma forma grandiosa de comunicar, e com eles, pude aprender e apreender detalhe ímpar sobre nobreza na arte de encantar, informar e ensinar através do teatro. Analiso este registro como um momento de grande valia na minha formação. Um verdadeiro privilégio ter tido a chance de vivenciar algumas das reuniões, apresentações e encontros com todos eles.

Consideramos a temática de memória muito ampla e com possibilidades riquíssimas de pesquisas, estudos e produções. Esperamos ter contribuído com este estudo no vasto campo de criação da linguagem teatral. Acentuando a importância dos idosos na transmissão de saberes e no enriquecedor encontro intergeracional, bem como, na produção cultural no abrangente território de memórias coletivas.

REFERÊNCIAS

A ERA DE OURO DO RÁDIO. Cidade das Artes. 2022. Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/587#:~:text=Os%20anos%201930%20e%201940,concorr%C3%Aancia%20%E2%80%9Cdesleal%E2%80%9D%20da%20televis%C3%A3o>. Acesso em 21 de maio de 2022.

A ERA DO RÁDIO. Memorial da Democracia. 2021. Disponível em <http://memorialdademocracia.com.br/page/a-era-do-radio>, Acesso em 21 de maio de 2022.

ALVES, Gabriela Souto. O Vernáculo Brasileiro na Contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2014.

ANITTA. ROCK IN RIO, Rio de Janeiro. 2019. Palco Mundo, em 05 de outubro de 2019. Disponível em Anitta fala sobre tocar no Rock in Rio: 'queria agradecer a mim' - iBahia.com, acesso em 13 de julho.

Anotações de Aula da disciplina de “Explorações e Reconfigurações Espaciais” – GAT 00158, ministrada no 1º /2021 na UFF, pelo docente Luiz Guilherme Vergara

BARBA, Eugênio. O Corpo Dilatado. IN:BARBA, Eugênio.; SAVARESE, Nicola. A arte secreta do ator Dicionário de Antropologia Teatral. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1995.

BOAL, Augusto. Os três caminhos da cultura. Folha de São Paulo. Opinião. 2002. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200209.htm> Acesso em 06 de março de 2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Nº19. Jan-Abr 2002. Disponível em <https://bit.ly/3BbLheP>. Acesso em 06 de março de 2022.

CASTRO, Marcelo Correa e. Todas, Todes, Todos, Tods, Todxs, Tod@as Ativismo Social, Gênero e Usos da Língua. Notícias hoje. 2021. Disponível em <https://cienciahoje.org.br/artigo/todas-todes-todos-tods-todxs-tods-ativismo-social-genero-e-usos-da-lingua/> Acesso em 08 de abril de 2022.

COHEN, Renato. Performance como linguagem criação de um tempo-espço de experimentação. São Paulo. Editora Perspectiva. 2002. 1 ed. 1ª reimpressão.

Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. –1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ESTATUTO DO IDOSO: Lei nº 10.741, de 01/10/2003 – Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Agência de Notícias. Dez perguntas para. 2020. Disponível em <https://bit.ly/3OhNat4>. Acesso em 25/01/2022.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: (A escrevivência serve também para as pessoas pensarem: a escrita de nós: 2020, p. 26-46).

FERREIRA, Jerusa Pires. Armadilhas da Memória e outros ensaios. - Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Nos Quadros da Memória. Resenhas. RESGATE (08), 1998, p. 111-112)

FERREIRA, Jerusa Pires. Tantas memórias – ou um difícil passeio pelos modos de pensar a memória: possibilidades, textos, atores. Artigos & Ensaios. RESGATE (13), 2004, p. 65-74)

FONSECA, Sandra Elena Torres. Anotações de diário de campo e relatório. Niterói. Arquivo pessoal. 2014.

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em 25 de janeiro de 2022.

BARBA, Eugênio.; SAVARESE, Nicola. A arte secreta do ator Dicionário de Antropologia Teatral. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1995.

LEIRNER, Sheila. In: “A Perda de uma Excelente Oportunidade de Revelação.” O Estado de São Paulo em 07.08.1984. Disponível em: O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão (estadao.com.br). Acesso em 12 de junho de 2022.

MATUCK, Arthur. “Prefácio à Renato Cohen.” Prefácio. In: COHEN, Renato. Performance como Linguagem. São Paulo. Editora Perspective, 2002.

MINAYO, Maria Célia de Souza. "Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta". In: MINAYO, M.C.S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 27 edição. Petrópolis, RJ: VOZES:2007. (P.61-77)

SALES, Jôse. A importância da oralidade em todas as etapas da educação. MultiRio. Disponível em <https://bit.ly/3z7VN5d>. Acesso em 26.01.2021

SAVARESE, Nicola. Nostalgia ou Paixão por um Retorno. IN: BARBA, Eugênio.; SAVARESE, Nicola. A arte secreta do ator Dicionário de Antropologia Teatral. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. PROEX, Extensão.
<https://www..br/?q=grupo/extensao> Acesso em 15 de janeiro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. PROEX, EXTENSÃO.
<http://www.extensao.uff.br/?q=content/acoes&moda=4>, Data de acesso: 15 de janeiro UFF de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
<http://www.extensao.uff.br/?q=content/acoes> Acesso em 15 de janeiro de 2022.

VENÂNCIO, Beatriz Pinto. In: Oficinas da Memória Teoria e Prática, 2011. II Parte: Casa, Família e Objetos. Memórias da Casa. p.37-43

VENÂNCIO, Beatriz Pinto; ALVARENGA, Maria Carmen Vilas-Bôas Hacker, Introdução. Oficinas da Memória Teoria e Prática, Niterói, RJ. UFF. 2011

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. Tradução FERREIRA, Jerusa Pires. FENERICH Suely. 2 ed. rev. Amp. 2007.

ANEXO | CARTA DE ANUÊNCIA



CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos que esta Instituição tem ciência e autoriza a execução do Trabalho Final do Curso **Território da Memória na Produção Coletiva**, proposto pela discente Sandra Elena Torres Fonseca, sob orientação de Neide Aparecida Marinho, do curso de Produção Cultural, do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS - UFF).

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar das pessoas participantes do programa *UFF Espaço Avançado – Trabalho social com Pessoas Idosas* que venham a participar da pesquisa acima mencionada.

Niterói, 15 de abril de 2022.

 Assinado de forma digital
por PAULA DOS SANTOS
KROPF
paulakropf@gmail.com:311
87376892
Dados: 2022.05.05 14:20:28
-03'00'

Data, Assinatura e carimbo do responsável institucional
(Paula Kropf – SIAPE: 1394700 - Coordenadora do Programa)